

BATISTA CEPELOS

(1872-1972)

Texto de MELLO NÓBREGA
Notas bio-bibliográficas organizadas
por ERICH GEMEINDER

Homenagem da Livraria São José

LIVRARIA SÃO JOSÉ
Rio de Janeiro
1972



A obra poética de Batista Cepelos realizou-se num período de vinte e três anos (1892-1915), a contar do primeiro poema publicado no *Diário popular*, de S. Paulo, quando o autor era delegado de polícia na cidade de Santa-Rita-do-Passo-Quatro, até a representação do drama sacro *Maria Madalena*. Surgido nas letras em pleno fastígio do Parnasianismo, Cepelos viria a acusar influências formais que não lhe afetaram profundamente a sensibilidade romântica, do mesmo modo, aliás, que as experiências simbolistas, a que se deu passageiramente. Que romântico, ele o foi sempre, através das tentativas de adesão aos movimentos literários em voga. Romântico retardatário, dirão. Como tantos outros de sua geração, sob leves disfarces impostos pela moda.

Desajudado de estudos propedêuticos regulares, só foi conhecendo e apreciando a literatura francesa do século XIX à medida que se ilustrava, em seus esforços de autodidata. Se o seu primeiro poema traz uma epígrafe tomada às *Geórgicas* e se, em muitos outros, há alusões a obras clássicas, sente-se que sua cultura foi pouco além dos estudos regulares, embora, como em *Os corvos*, se comprazesse em citas latinas, com as quais o familiarizara o formalismo jurídico de então. Avido de conhecimentos e emoções, Cepelos, desamparado de boa formação humanística, pendulou desesperadamente entre teorias e doutrinas. As imposições da vida levaram-no a atividades que não correspondiam às suas aspirações. Do ambiente rural à caserna; da caserna às delegacias e pretórios: disciplina, armas, leis, libelos acusatórios... No inconformismo dessas carreiras, os sonhos de vida literária, sempre dificultados. A grande porta da literatura era, em seu tempo, a imprensa. O poeta procurou abri-la: colaborador, diretor, fundador de revistas e jornais, conseguiu a divulgação de seus escritos. E, com vários livros publicados, procurou no teatro

mais direto contato com o público. Tal inquietação, também sofrida por outros poetas, concorreu para agravar suas dores de homem acicatado pela “persistência de uma desgraça nobremente suportada”, como escreveu Martim Francisco, em carta a Nilo Peçanha, a 28 de dezembro de 1914, ao solicitar-lhe a nomeação do amigo para uma promotoria pública.

Saído de acanhado meio provinciano, com letras primárias, Cepelos tinha apenas os ócios de praça-de-pré, pobres e desconfortáveis, para instruir-se. Padeceu os rigores da vida quartelenga de então, feita de durezas e intransigências. O estoicismo e o anseio de melhores dias abafaram as resistências de seu temperamento taciturno e orgulhoso. Se, por mais de uma vez, já agalado, sofreu punições por pequenas faltas disciplinares, sua folha-de-serviço documenta zelo e probidade profissionais. De simples engajado, chegou ao oficialato, podendo, assim, levar adiante seus estudos. Queimando os olhos em livros elementares, gastando as noites em vigílias, aplicou-se a problemas e questões que lhe abriam as portas da velha e tradicional Faculdade de Direito de S. Paulo. O que tantos haviam feito e fariam ainda, tão facilmente, com a carta de bacharel em ciências e letras, ele o conseguiu com estudos árduos, sem mestres, em horas roubadas ao repouso do corpo e do espírito. Durante o curso de leis, teve de suprir a ausência às aulas com uma vontade persistente. Foi a tal preço que recebeu o diploma apergaminhado e o anel de rubi. Seu currículo acadêmico dificilmente seria mais brilhante, dadas as condições que lhe haviam imposto as circunstâncias. Formado, nova luta: autos, audiências, libelos, em pequenas cidades do interior paulista, sem ambiente para suas conquistas literárias, limitada a colaborações em jornais inexpressivos, e a livros modestos, alguns custeados pelo próprio autor, com sacrifício dos mínguaos ganhos, esforço a que correspondiam êxitos muito apoucados. A crítica literária, no começo do século, apesar dos vultos eminentes que nela pontificavam, ou se encastelava em dogmatismos doutrinários e formais, ou erguia pontes levadiças à camaradagem tolerante e convencional. O poeta não se queixou, apenas, dessa incompreensão desinteressada, ao transcrever, na ter-

ceira edição de *Os bandeirantes*, excertos de cartas recebidas de confrades: “A crítica literária no Brasil, é mesquinha e deficiente; de maneira que, para fixar um juízo mais ou menos completo a respeito de uma obra de arte, é forçoso respigar as diversas opiniões manifestadas não só nas folhas efêmeras da imprensa, mas até na correspondência epistolar, sem caráter reservado.” Num desabafo íntimo, o poeta foi além: organizou num livro de recortes as referências publicada sobre sua obra e deu a esse pequeno arquivo um título intencionalmente cacofônico: *Álbum da Glória (Elogios, descomposturas e asneiras)*. Tal documento ainda existe na Biblioteca Nacional, embora maltratado e incompleto, com páginas arrancadas por consulentes inescrupulosos.

Somem-se à revoltada insatisfação do poeta as privações materiais e as dores morais que o afligiram. Nascido em família de boa origem, decaída na pobreza de um arraial de lavradores, ansioso por instruir-se e elevar-se, Cepelos ergueu os olhos para muito alto, apaixonando-se por uma jovem da alta sociedade paulistana. Houve oposição ao casamento, afinal consentido. Corria o noivado entre apreensões e vexames, quando, a 20 de janeiro de 1906, a cidade foi agitada por uma tragédia: o senador Peixoto Gemide matara a filha com um tiro, suicidando-se.

De formação cultural insegura, o poeta, bem dotado, pôs em versos seus estados de alma. Não que fosse dessa espontaneidade primitiva e ingênua, hoje tão apreciada como autenticidade artística, mas porque as influências literárias que sofreu não tiveram ação decisiva na sensibilidade do autor. Ao contrário: seus sentimentos é que procuraram afinidades, filtrando-se por elas. Daí a multiplicidade de influências de escritores, que não revelam submissão, mas apenas convergências acidentais, de ordem puramente emotiva. É curioso observar que a personalidade de Cepelos, através de suas deficiências e exaltações — “surtos e quedas” — como confessado num de seus livros, arma-se em trajetória ideológica segura, de desenvolvimento finalístico. Seus livros concatenam-se na própria ordem de publicação, revelando uma evolução ininterrupta, no plano subjetivo, da incompreensão da natureza (*A der-*

rubada), à inquietação interior (*O cisne encantado*), ao encontro do homem (*Os bandeirantes*), à revolta social (*Vaidades*), para o deslumbramento da super-humanização cristã (*Maria Madalena*).

A incompreensão da natureza é sensível, nos versos do poeta paulista. Criado em meios rurais, em contato cotidiano com a paisagem colorida e movimentada do campo, não conseguiu fixar suas impressões em *A derrubada*. Mesmo em *Os bandeirantes*, na sublimação da terra natal e no culto de seus heróis sertanistas, o cenário é apenas pano de fundo para a ação. Note-se que as estrofes de *A mata virgem*, nas reedições do poemário, passou a figurar às portas do livro, como se fora o palco vazio em que passariam a desfilar os vultos épicos do bandeirismo. É bem verdade que a floresta, como nos contos de fada, participa do drama, o que reduz ainda mais a força paisagística do poeta, a concentrar a ação do meio na oposição aos heróis, do que sempre se valeu o maravilhoso poético, desde a intervenção de deuses e semi-deuses na epopéia clássica. No poema inicial de Cepelos, o tríptico derrubada-queima-ressurreição é apresentado em cores convencionais. Em seu segundo livro, *O cisne encantado*, sob influência do movimento simbolista, o poeta tentou integrar-se em sua sublimação estética, não indo, porém, muito além de uma construção alegórica. Sem precisar direta filiação a outros poetas, o que já foi afirmado, *O cisne encantado* prende-se a uma velha tópica, a do peregrino que sai pelo mundo à procura da felicidade e da paz.

O reencontro da terra natal levou o poeta a procurar exaltá-lo no culto dos heróis que a Saint-Hilaire pareceu pertencerem a uma raça de gigantes.

Acreditamos que a proximidade do quarto centenário do descobrimento do Brasil, que viria a inspirar a Bilac uma cantata gratulatória, bem como a proclamação da República, então recente, com sua onda de entusiasmo patriótico, hajam atuado na inspiração de *Os bandeirantes*. O certo é que Cepelos mudou de rumo poético, parecendo a Bilac "haver descoberto ou adivinhado um caminho novo". O tema bandeirante não era novidade, porém. Já o versara Diogo Grasson Tinoco, em seu poema perdido, e muito mais próximo, o próprio Bilac, ao cantar os feitos do Go-

vernador das Esmeraldas. Vicente de Carvalho, em alexandrinos lentos e pesados, evocara a marcha dos batelões monóxilos pelos mansos e itapevas do Anhembi. A partida da monção dera a Almeida Júnior o motivo da mais conhecida de suas telas.

Não se limitou Cepelos, entretanto, a cantar as façanhas dos cabos-de-tropa, nem a gesta do Tietê. Evocou também a fundação de Piratininga, o arraial mineiro do Tijuco, S. Paulo dos estudantes-poetas, a colina do Ipiranga, a música de Carlos Gomes e a paleta de Almeida Júnior. Em apenso ao volume, as rimas de *Musa patricia* fixam reminiscências infantis, cenas folclóricas, intimidades familiares, mostrando, em peças menores, esbatidas influências dos "cromos" de B. Lopes.

O aparecimento de *Os bandeirantes* coincidiu com o grande golpe sofrido pelo poeta e, conseqüentemente, com o desmantelo de sua vida arduamente construída. Em 1907 divulgou-se a obra em prosa *Os corvos*, coletânea de crônicas amargas, numa das quais já quiseram ver argumento em favor da interpretação de suicídio, dada à morte de Cepelos: "Mas, como os dias são lentos e a vida progressivamente se torna mais intolerável, eu às vezes tenho ímpeto de atirar a carga ao diabo, e dar um mergulhão na eternidade!". Afonso Schmidt contou-nos as privações e os desânimos do poeta, nesse período doloroso de sua vida, a vender livros, de porta em porta, para poder pagar casa e comida. Foi durante essa fase de penúria e humilhação que Cepelos compôs muitos dos poemas de *Vaidades*, livro publicado em 1908, mas anunciado dois anos antes. Prefaciando o volume, Araripe Júnior entendeu que seu pessimismo não passava de atitude literária, sendo o autor, todavia, poeta de marcados instintos sociais. Queremos crer, ao contrário, que o tom desiludido e revoltado dos versos não lhes vem tanto dos temas, como do próprio estado de espírito de Cepelos, ferido e roubado em seus esforços e sonhos. A poesia dita "socialista" de Lúcio de Mendonça (*Névoas matutinas*, 1872; *Alvoradas*, 1875; *Vergastas*, 1889), de Valentim Magalhães (*Cantos e lutas*, 1879); Afonso Celso (*Telas sonantes*, 1879), Raimundo Correia (*Sinfonias*, 1883); Fontoura Xavier (*Opalas*, 1884) era predominante republicana e agnóstica. Não

lhe foi estranha a doutrina positivista, com a crença na Humanidade, em seus ideais de progresso e justiça social. A campanha abolicionista, inscrevendo-se nesse plano ideológico, politizava a revolta sentimental dos poetas néo-românticos. Mais tarde, o fuzilamento de Ferrer inspiraria poemas exaltados a Hermes-Fontes, Fanfa Ribas e Gomes Ferro. A inquietação íntima de Batista Cepelos predispunha-o à adesão a essa poesia encharcada de revolta. Mais do que na obra de seus contemporâneos brasileiros, foi, porém, encontrar a expressão de seus amargores na obra de certos poetas franceses, notadamente em Baudelaire. O autor de *Les fleurs du mal* andava repudiado, entre nós, por exclusão parnasianista. O último a sofrer-lhe a influência fora Teófilo Dias, em *Fanfaras* (1882). *Vaidades* poreja pessimismo, negativismo religioso, compaixão pelos humildes e desvalidos, incitamento à reforma social. A nota altruística predomina, porém, nesse encapelamento sentimental e nisso, principalmente, é que o poeta se manteve fiel a si próprio, preservando o núcleo de suas crenças abafadas pelo inconformismo ao sofrimento, repontando, aqui e ali, em prenúncios de reconquista moral. Circunscrevendo-se, embora, à análise periférica da questão social, entrevista em seus quadros de rua, alguns dos poemas de *Vaidades* ficaram em nossas letras entre as mais fortes tentativas do gênero. Estágio de uma evolução que escapou a seus coevos, defrontados com uma obra em curso. A morte “fixa” os autores, permitindo visão de conjunto, inapreciável nas reticências e interrogações do vir-a-ser. A poesia social de Batista Cepelos foi, a nosso ver, uma fase de sua recuperação cristã. Fierens-Gevaert, analisando, no começo do século, a angústia européia, derivou-a do que denominou as “três tristezas apostólicas”: a imoralidade, o cientificismo e a irreligião, — herança trágica da centúria anterior. Cepelos, velejando entre esses escolhos, em sua fé insegura, feita mais de sentimentos que de dogmas, procurava, todavia, arribar a águas tranqüilas. Venceu, afinal, o filofismo epidérmico, bebido em leituras apressadas, o desespero dos pensadores amargos, o exame unilateral de questões complexas, a angústia de poetas acicatados pelas torturas do pensamento e da carne. *Maria Madalena* não foi, assim, o resultado de mero capricho literário, mas o encerramento, definido pela

morte, de lenta e dolorosa recuperação religiosa. Escrito para o teatro, o poema ressentia-se da necessidade de ajustar os episódios à concisão dramática. A figura de Jesus não é a que expulsou os vendilhões do Templo, admoestou Maria nas bodas de Caná e confundiu os fariseus. É o Rabi de olhos mansos e gestos paternais, que curava enfermos no sábado, abençoava as crianças, perdoava pecados e multiplicava pães e peixes para matar a fome de multidões. A pecadora, por sua vez, não é a hetera de Magdala, convertida de chofre à palavra do Mestre; permaneceu mulher, amou e seguiu o Filho do Homem até o momento de sua morte, para descobrir a grande Verdade no deslumbramento místico da cena final, junto ao Calvário. O poeta fundiu numa só pessoa a mulher que ungiu os pés do Senhor, a Madalena exorcizada e a irmã de Lázaro, seguindo, sem o saber, talvez, a opinião de São Gregório Magno. E foi além, unificando essas três mulheres e mais a Adúltera, deu-lhes por marido Barrabás. Maria Madalena ama Jesus em segredo e acompanha-o na esperança de que Ele a olhe como mulher. No Gólgota, diante do Madeiro, desfilam os doentes curados por Cristo, a negar os milagres que lhes haviam restituído movimentos, luzes e sons. Madalena, indignada, aponta-os, um a um, atira-lhes em rosto a ingratidão, apostrofando-os com violência. E à increpação de que, mulher perdida, nada mais faz do que defender um de seus muitos amantes, escorraça-os, a soluçar, compreendendo, a final, o amor pregado pelo Nazareno de olhos de céu e gestos de bênção.

Com esse poema dramático encerrou-se a obra poética de Batista Cepelos, que viria a morrer menos de dois meses depois da sua única representação. Particularidade interessante é a de que a carreira literária do poeta, encerrada com a evocação dramática da Paixão, iniciara-se com um ingênuo poema inspirado no Natal.

O suicídio de Cepelos, aceito pela autoridade que dirigiu o inquérito aberto para apuração das circunstâncias em que se dera sua queda de uma pedreira, na Rua Pedro Américo, no Rio de Janeiro, na noite de 7 para 8 de maio de 1915, parece-nos inexplicável. Os esforços de indagação policial cingiram-se aos elementos factuais, confirmados pelos depoimentos de amigos do morto, que o disseram desiludido e deprimido. Custa crer, no entanto, que, às

vésperas da recuperação social e financeira, nomeado que fora para um cargo público de relevo, Cepelos se considerasse um vencido da vida, ele que lutara por ela e contra ela, tenaz e longamente, encontrando forças para resistir aos golpes mais profundos que um homem possa suportar. E, como adminículo de convicção, restam provas concretas: o apostilamento do título de nomeação, dias antes, na repartição competente, e os anúncios de uma récita do poema dramático, em benefício do autor, como era costume, então, sem qualquer escrúpulo ou desdouro. Não param aí, entretanto, as induções que autorizam fundadas reservas às conclusões do inquérito policial. Quem se der ao trabalho de consultar os jornais da época saberá que, por indícios desprezados, se levantou debatida questão: crime, suicídio ou acidente? Afastada a primeira hipótese, negada a segunda, houve repórteres que defenderam a última, como única aceitável. Manuel Batista Cepelos entrou, porém, oficialmente, para o rol dos trânsfugas da vida... Para contraditá-lo, temos apenas sua obra e algumas observações perdidas em páginas amarelecidas de velhos jornais. E nossa homenagem é esta: deixar ao morto, cristãmente, o benefício da dúvida.

DADOS BIOGRÁFICOS

- 1872 — (10 de dezembro) — Nasce na vila de Cotia, Província de S. Paulo, Manuel Batista Cepelos, filho legítimo do professor de primeiras letras João Batista Cepelos e Maria Francisca Bueno Diniz.
- 1873 — (16 de janeiro) — Batismo, na Matriz de Nossa Senhora do Monte Serrate, em Cotia, pelo vigário Pe. Manuel das Dores Rocha.
- 1880 — (7 de janeiro) — Matricula-se da 1.^a cadeira de primeiras letras, regida pelo Prof. João José Coelho. Frequenta as aulas até 3 de dezembro.
- 1881 — (16 de maio) — É admitido como aluno da 2.^a cadeira de primeiras letras, regida pelo Prof. Marcolino Pinto de Queiroz. (31 de agosto) — Muda-se com a família para a cidade de Tatuí.
- 1882 — (3 de novembro) — Regressa a Cotia, voltando a frequentar a escola do Prof. Pinto de Queiroz.
- 1887 — (24 de outubro) — Falece o Prof. João Batista Cepelos.
- 1889 — (1.^o semestre) — Mudança para S. Paulo, onde fica hospedado em casa de seu tio Brasília Alves Correia do Amaral, na rua da Boa Morte 27. (8 de julho) — Engaja-se no Corpo Policial Permanente, com o soldo mensal de 54\$000. (13 de setembro) — Transferido, a pedido, para o destacamento de Cotia, onde permanece até meados de 1890.
- 1890 — (22 de julho) — Promoção a cabo-de-esquadra. (16 de dezembro) — Promoção ao posto de 2.^o sargento.
- 1891 — (13 de março) — Promoção ao posto de alferes. (31 de dezembro) — Promoção a tenente.
- 1892 — (13 de setembro) — Nomeado delegado de polícia de Santa-Rita-do-Passa-Quatro, cargo que assume a 15. (24 de dezembro) — Publica no *Diário popular*, de S. Paulo, sua primeira poesia conhecida, *Noite de Natal*.
- 1893 — (3 de outubro) — Reassume seu posto no 1.^o Batalhão da Força Pública.
- 1894 — (1.^o de fevereiro) — Parte de S. Paulo, com o 1.^o Batalhão, para a campanha do Paraná. (17 de agosto) — Retorna a S. Paulo, embarcando, a 18, no vapor *Satélite*, que chega no dia seguinte a Santos.
- 1895 — (março) — Matricula-se no Curso Anexo da Faculdade de Direito de S. Paulo, tendo por colegas Ciro Costa, Amadeu Amaral, Agenor

- Silveira, Artur Mota Júnior, Maria Augusta Saraiva e Bruno Peixoto Gomide, irmão de sua futura noiva. Início do curso a 22 de abril. (12 de julho) — Promoção ao posto de capitão, assumindo o comando da 4.^a companhia do 1.^o batalhão.
- 1896 — (março) — Publicação de *A derrubada*.
- 1897 — (28 de julho) — Recebe ordens para seguir com o seu batalhão para a Bahia (Campanha de Canudos). (31 de julho) Reforma, no posto de Capitão.
- 1898 — (8 de fevereiro) — Termina o Curso Anexo. (14 de março) — Matricula-se no 1.^o ano do Curso Jurídico da Faculdade de Direito de S. Paulo.
- 1899 — (1.^o semestre) — Apresenta no Instituto Jurídico Acadêmico sua tese *Fundamento do direito de punir*. (15 de dezembro) — Participa da caravana acadêmica que foi a Piracicaba para prestar homenagem à memória de Almeida Júnior.
- 1900/1901 — Colabora assiduamente nos jornais de S. Paulo.
- 1902 — (18 de fevereiro) — Chegada de Olavo Bilac a S. Paulo. (junho) — Publicação de *O cisne encantado*. (25 de novembro) — É aprovado nos exames do 5.^o ano. (28 de dezembro) — Recebe o grau de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, ato paraninfado pelo Dr. Reinaldo Porchat. Foi orador da turma o Bel. Armando Prado.
- 1903 — Tenta, sem êxito, a advocacia na capital e em algumas cidades do interior do Estado de S. Paulo.
- 1904 — (15 de julho) — Nomeação para a Promotoria Pública de Apiaí, que assume a 1.^o de agosto. (1.^o de dezembro) — Viaja para S. Paulo, em gozo de licença.
- 1905 — (21 de janeiro) — Transferência para a Promotoria Pública da comarca de Sarapuí, que assume em 10 de fevereiro. (outubro) — O Dr. Peixoto Gomide e esposa participam aos amigos o contrato de casamento de sua filha Sofia com o Dr. Manuel Batista Cepelos. O enlace seria realizado em 27 de janeiro do ano seguinte.
- 1906 — (8 de janeiro) — Transferido para a Comarca de Itapetininga, onde assume a 13. (20 de janeiro) — O Dr. Peixoto Gomide, presidente do Senado do Estado de S. Paulo, num momento de alucinação, mata, a tiro de revólver, sua filha Sofia, suicidando-se. Cepelos, não podendo comparecer aos funerais, foi representado pelo seu amigo Dr. Júlio Prestes. (21 de janeiro) — Cepelos embarca para S. Paulo, em licença para tratamento de saúde. (fevereiro) — Lançamento de *Os bandeirantes*. (2 de março) — Reassume seu posto em Itapetininga. (17 de dezembro) — Parte para S. Paulo, em licença.
- 1907 — (março) — Publicação de *Os corvos*. (20 de março) — Reassume suas funções públicas em Itapetininga. (25 de março) — Toma parte na primeira reunião convocada para tratar da fundação de uma Academia de Letras em S. Paulo. (7 de abril) — Segunda reunião preparatória para criação da Academia, tendo Cepelos es-

- colhido Teófilo Dias para patrono de sua cadeira. (14 de dezembro) — Afasta-se de Itapetininga, em gozo de licença, que se prolongará até julho de 1908.
- 1908 — (fevereiro) — Lançamento da segunda edição de *Os bandeirantes* (19 de abril) — Inicia sua colaboração do *Comércio de S. Paulo*. (junho) — Publicação de *Vaidades* (1.^o milheiro). (16 de julho) — Solicita prorrogação de sua licença por mais 12 meses, pedido que seria indeferido, levando Cepelos a exonerar-se do cargo de Promotor, em 30 de julho. (outubro) — Lançamento do 2.^o milheiro de *Vaidades*, com o prefácio de Araripe Júnior.
- 1909 — (2 de maio) — Candidata-se à Academia Brasileira de Letras, na vaga de Artur Azevedo (cadeira Martins Pena). Não obteve um voto sequer, tendo sido eleito Vicente de Carvalho. (junho) — Segue para o Rio de Janeiro, onde fixa residência.
- 1910 — Lançamento, no Rio de Janeiro, do romance *O vil metal*.
- 1911 — A Livraria Garnier, do Rio de Janeiro, põe à venda a 3.^a edição de *Os bandeirantes*.
- 1912 — Publicação de *O cisne*, segunda edição, alterada, de *O cisne encantado*. (11 de maio) — Na eleição para preenchimento da vaga de Raimundo Correia, na Academia Brasileira de Letras, Cepelos não consegue nem um voto, tendo sido eleito o Dr. Osvaldo Cruz.
- 1913 — Colabora em *A época*, do Rio de Janeiro.
- 1914 — O Dr. Martins Francisco, em carta ao Dr. Nilo Peçanha, Governador do Estado do Rio de Janeiro, pede a nomeação de Cepelos para uma promotoria.
- 1915 — (16 de março) — Inauguração do Teatro Trianon, no Rio de Janeiro. (30 de março) — Apresentação de *Maria Madalena*, em "première", pela Cia. de Cristiano de Sousa. A peça teve 11 representações. (17 de abril) — Cepelos é nomeado Promotor Público da Comarca de Cantagalo, no Estado do Rio de Janeiro. (28 de abril) — Os jornais anunciam a organização de um festival artístico em benefício de Cepelos, a realizar-se do dia 10 de maio, com a representação de trechos de *Maria Madalena* e declamação de poesias de sua autoria, pelo beneficiado. (8 de maio) — O corpo de Batista Cepelos é encontrado, horrivelmente mutilado, no sopé da pedreira do morro de Nova-Sintra, no fundo do quintal do prédio n.^o 119, da Rua Pedro Américo. O inquérito policial, presidido pelo comissário Thibau, do 6.^o Distrito, encerrou-se pela conclusão de suicídio. Cepelos foi sepultado, no mesmo dia, no Cemitério de S. Francisco Xavier, (sepultura n.^o 84.772, quadra 51), conforme assentamento no livro de enterramentos (1915, fls. 162). Quando da reforma da necrópole, os restos mortais do poeta foram transferidos para a vala-comum. (9 de junho) — Na igreja de S. Francisco de Paula rezou-se missa de mês, em intenção da alma de Batista Cepelos.

BIBLIOGRAFIA

I. De Batista Cepelos:

- A derrubada* (poemeto) Bento de Sousa, Editor. Tip. Riedel & Lemmi, Rua de S. José, 32, S. Paulo, 1896, 24 pp.
- O cisne encantado* (poema) Tip. a Vapor Vanorden & Cia., Rua do Rosário, 9 e 11, S. Paulo, 1902, 80 pp.
— 2.^a ed., com alterações, sob o título *O cisne*, Tipo-Litografia, de J. Ferreira Pinto & Cia., Rua do Hospício, 173, Rio de Janeiro, 1912, 96 pp.
- Os bandeirantes* (poesias) Est. Tipográfico de "Fanfulla", Rua da Boa Vista, 48, S. Paulo, 1906, 174 pp.
— 2.^a ed., Espíndola & Cia., Rua Direita, 10A, S. Paulo, 1908, 168 pp.
— 3.^a ed., H. Garnier, Rua do Ouvidor, 109, Rio de Janeiro, 1911, 184 pp.
- Os corvos* (crônicas) Tipografia Americana, de Anésio Azambuja & Cia., Rua José Bonifácio, 28 B, S. Paulo, 1907, 156 pp.
- Vaidades* (poesias) Laemmert & Cia., Rua XV de Novembro, 32, S. Paulo, 1908, 212 pp.
- O vil metal* (romance) Livraria Cruz Coutinho, Rua S. José, 82 e 84, Rio de Janeiro, 1910, 242 pp.
- Maria Madalena* (drama em verso) Não foi editado em livro. A peça foi encenada no Teatro Trianon, do Rio de Janeiro, em 30 de março de 1915, pela Companhia Cristiano de Sousa. Publicada pela *Revista do Brasil* (2.^a fase), ns. 59 a 62, correspondentes aos meses de novembro de 1920 a fevereiro de 1921; na *Revista da Academia Paulista de Letras*, n.º 10, junho de 1940; e na *Revista de Teatro*, n.º 304, *Coleção Teatral*, caderno n.º 50, Rio de Janeiro, julho/agosto de 1958.
- Sensações da vida* (contos) Livro cujos originais se perderam e que era constituído das seguintes peças: *A família Fragoso*, *Um marido feliz*, *Tentação de Eva*, *A morte*, *O reverendo Matias*, *Testamento de um roedor*, *D. Juan platônico*, *Um homem sério*, *O provinciano* e *O artista*. Desses contos, foram publicados: *Tentação de Eva* (*Revista do Brasil*, n.º 82, outubro de 1922) e *Um homem sério* (*Revista da Academia Paulista de Letras*, n.º 4, dezembro de 1938).

II. Sobre Batista Cepelos:

- VEIRA, Lélio. "Batista Cepelos", conferência lida na sessão de 5 de agosto de 1915, no Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo (*Revista*, vol. XX, 1915, p. 301-12).
- VILALVA, Mário. *Batista Cepelos*, conferência lida no Centro Paulista do Rio de Janeiro, em 9 de novembro de 1915. Casa Botelho, Rio de Janeiro, 1915.
- LAGRECA, Francisco. "Batista Cepelos" em *Porque não me ufano de meu país*, S. Paulo, 1919, p. 107-28.
- VAMPRE, Spencer. *Memórias para a história da Academia de São Paulo*, Livr. Acadêmica, S. Paulo, 1924, p. 625, 632-8 e 675-6.
- VILALVA, Mário. "São Paulo e a sua evolução", em *São Paulo e a sua cultura*, Tip. da *Gazeta da Bolsa*, Rio de Janeiro, 1927, p. 99-100.
- CINTRA, Assis. "A morte trágica de um poeta", em *No limiar da História*, Rio de Janeiro, Livr. Francisco Alves, 1923, p. 115-18.
- NÓBREGA, Melo. *Batista Cepelos*, Edit. Casa Mandarin, Rio de Janeiro, 1937.
- VELHO SOBRINHO, J. F. *Dicionário bio-bibliográfico brasileiro*, Rio de Janeiro, ME, 1940, vol. II, p. 174-5.
- CAMPOS, Humberto de. *Critica*, Rio de Janeiro, 1940. Livr. José Olímpio, vol. I, p. 157-9.
- CAVALHEIRO, Edgar. "Vida e obra de Manuel Batista Cepelos", em *Planalto*, S. Paulo, Ano I, n.º 3, 1941, p. 15.
- MENESES, Raimundo de. *Escritores na intimidade*, S. Paulo, Livr. Martins, 1949, p. 136-41.
- CIRO ARNO (Cícero Brandt). *Memórias dum estudante* (1885-1906), Rio de Janeiro, ed. do A., 1949, p. 145 e 193-6.
- MARANHÃO, Carlos. "Batista Cepelos, o poeta enamorado da morte", em *Pássaros feridos*, Rio de Janeiro, 1952, p. 75-82.
- MELO, Correia de. *Dicionário de autores paulistas*, S. Paulo, Ed. da Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954, p. 147.
- DANTAS, Arruda. *Batista Cepelos*, Coleção Grandes Vultos das Letras, n.º 20, S. Paulo, Ed. Melhoramentos, 1956.
- THIOLLIER, René. "Batista Cepelos", em *Episódios de minha vida*, S. Paulo, Ed. Anhembi, 1956, p. 7-48.
- GERMANO, Maria Isabel. *Batalhas da vida (Biografia de Batista Cepelos)*, S. Paulo, Inst. de Divulgação Cultural, 1957. Obra reeditada pelo Clube do Livro, de S. Paulo, em 1962, com novo título: *Um nome na areia*.
- OLIVEIRA, João Gualberto de. *Batista Cepelos*, S. Paulo, ed. do A., 1962.
- SILVA, Valter Nogueira da. "Batista Cepelos", na revista *Anhembi*, S. Paulo, vol. XLVIII, n.º 143, outubro de 1962, e *Revista Paulista de Medicina*, vol. 73, n.º 1, julho de 1968, p. 29-50.

BRITO, Luís Tenório de. *A Força Pública de São Paulo*, S. Paulo, Biblos Editora, 1963, p. 28-33.

MENESES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*, S. Paulo, Ed. Saraiva, 1969, vol. II, p. 350-2.

MAUL, Carlos. "A morte misteriosa de Batista Cepelos", em *Pequenas histórias verdadeiras do Rio antigo*, S. Paulo, Ed. de Ouro n.º 390, p. 221-4.

